

João Pedro Pedro (21) é estudante (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo) e pesquisador da Curadoria Contemporânea, tendo realizado assistências curatoriais para curadores como Andrés Hernández, Nancy Betts, Ícaro Vidal, Katia Salvany, Sylvia Werneck, Theo Monteiro e, em seu último trabalho, ao lado de Agnaldo Farias. Também possui em seu nome as curadorias de, *Constelações Tangíveis*, exposição realizada no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, e *A Beleza (Desútil) da Madeira*, no AtelierBB39. Inicia, em 2025, um estudo e aprofundamento no trabalho de Gretta Sarfaty, o qual passa a atuar como assistente, e o resultado dessa aproximação são seus últimos textos críticos, “Os Contos em Uma Cidade (The tales in A City)” e “Gretta Sarfaty - Artista Gênia (Gretta Sarfaty - Genius Artist)” que discorrem um pouco sobre a produção da artista.

Gretta Sarfaty - Artista Gênia (Gretta Sarfaty - Genius Artist)

Gretta Sarfaty, destaque, e pioneira, da produção feminista Brasileira - e ao meu ver, mundial - dos anos 70, é o que escolhi chamar de “Artista Gênia”, além de ter uma trajetória exemplar - não só em sua carreira artística, como também, tendo sido galerista, colecionadora e dar alguns pulos pela curadoria - possui trabalhos nas coleções mais relevantes do Brasil e do Mundo, e acreditem se quiser, seu trabalho é tão diferenciado que ainda hoje é procurada pelas instituições, como por exemplo o Instituto Inhotim, em Belo Horizonte - que já abriga obras extremamente relevantes, de artistas ainda mais relevantes - que acabou de comprar para o seu acervo a obra de nossa querida artista a qual este texto se refere.

Acredito, ou pelo menos - para que meu ego não seja ferido, e esperando que haja um mínimo interesse por parte de vocês para com a minha escrita - imagino, que vocês, caros leitores deste texto escrito por um jovem curador, no começo de sua jornada, estejam se perguntando o que faz o trabalho de Gretta ser tão inovador e relevante, e eu respondo a vocês, leiam os próximos parágrafos e garanto que ao final do texto - mesmo que não compartilhem da minha admiração - irão entender a relevância de tal produção.

Durante todo seu trabalho o objeto de estudo da artista foi o corpo feminino, não como algo a ser contemplado - como já se é feito desde os primórdios da História da Arte - mas algo a ser estudado, entendido, liberto. Séries como *Enlace* que em claras palavras - não ditas ou escritas, mas sim mostradas - reflete o corpo da mulher nesse aprisionamento, onde ela, envolta em um objeto extenso, pesado e grosso - uma corda - lida com essa carga, com os nós em seus membros, e que, talvez por um relance, ou não, deixa a

impressão de que ela mesma se colocou ali, porém - se olharmos de uma forma mais caridosa a este ser emaranhado - entendemos que sim, ela pode ter se colocado ali, ou não saber como sair, mas o objeto que a prende é externo, não a pertence, e foi colocado em cima dela.

Outras séries da artista como, *Body Works*, *Evocative Recollections*, *Metamorphic Recollections*, *Symmetric Recollections* e *A Woman's Diary* possuem uma outra abordagem, não menos sensível - aliás ao meu ver, com uma sensibilidade e carinho inigualável para com a figura feminina - sobre o corpo. Nas duas primeiras séries mencionadas, respectivamente, há uma certa agonia e até melancolia na forma como o corpo é capturado, em posições que se confundem entre prazer e dor, e com uma intimidade arrebatadora. Porém essas figuras, extremamente vulneráveis, estão dentro de invólucros, véus - colocados pela própria artista -, ou seja, estão protegidas, e a cena, que seria excessivamente expositiva, se torna algo a se investigar. Em *A Woman's Diary* a configuração do corpo muda novamente, desta vez estamos frente a frente com a sensualidade, replicada, expandida, mas acima de tudo, a verdadeira sensualidade, não a que encontramos em roupas provocantes, maquiagens marcantes ou gestos calorosos, mas a que encontramos no corpo, em suas curvas, dobras e posições, nesta série Gretta Sarfaty nos dá a permissão de, sem perversão ou sexualização exacerbada - coisa que parece até sátira, se pensarmos na forma como homens sempre enxergaram o corpo feminino - observarmos a mulher, e sua sensualidade natural.

Porém, sua série mais relevante - por inúmeros motivos que elencarei nos próximos passos deste texto - é, com certeza, a *Transformations*. Mas antes de falar sobre, precisamos passar rapidamente pela série *Auto-photos*. Nela, Gretta entra em contato com sua autoimagem - como se fosse a primeira vez - e destrincha absolutamente todas as possibilidades que seu rosto lhe proporciona, por meio da fotografia, em 1976. Voltando agora para a grande estrela deste texto, a série *Transformations*, enxergo que quando *Auto-photos* chegou ao seu fim e apenas a fotografia convencional já não bastava para nossa gênica, ela teve que inovar, não só a si, mas a arte como todo, e ela inovou, por meio da distorção no processo de ampliação de negativos ela conseguiu trazer - para um rosto que já tinha esgotado suas possibilidades - uma nova avalanche de cenários quase fantasiosos, e aí, quando pensamos que não haveria mais o que inovar, a artista reuniu a pintura - técnica mais clássica, ao lado da escultura, na arte - à fotografia, e sua mente brilhante, e com uma maestria na escolha de cores e proporção, ou melhor, distorção, ela cria a série de pinturas de *Transformations*, uma série tão absurdamente genial que precisarei de outro parágrafo apenas para ela.

Imaginem só, em pleno anos 70, uma época onde qualquer tecnologia já era algo distante para todos, até para os membros das classes mais altas da sociedade, onde o que

existia ainda era muito rudimentar, uma mulher, artista, aparece no Brasil fazendo uma pintura que traz em si um conceito completamente atual, a selfie, e não só isso, com a imagem distorcida como se tivesse passado por um programa de edição, como Photoshop, que só viria a existir cerca de 20 anos mais tarde. É isso mesmo, a série não se destaca apenas pela técnica de pintura excepcional, ou pela escolha singular - mas muito bem pensada - de cores, ou até pelas figuras fantasmagóricas e deformadas, mas sim por algo que nem a artista estava pensando na época em que fez os trabalhos, já que a possibilidade da manipulação da imagem - dessa forma - estava a 20 anos de distância do domínio humano. E aqui, querido leitor, é onde justifico minha categorização de Gretta Sarfaty como “Artista Gênia”, uma mulher que em 1976 estava fazendo o que computadores fariam anos mais tarde.

Por fim, não posso deixar de dissertar sobre uma de suas produções mais recentes, ou melhor, inédita, já que aos 77 anos a cabeça de “Artista Gênia” não para, *Transitions* traz novamente seu rosto - e suas expressões fantásticas - como centro da obra, porém agora com os reflexos da ação do tempo na artista, que nos demonstra toda sua jovialidade excêntrica, criatividade e novamente as fantasias de sua cabeça através da intervenção por meio da pintura em cima das fotografias. É quase surpreendente o que Gretta Sarfaty faz em uma fase da vida que muitos já se deram por satisfeitos ou se deixaram vencer, nossa gênica não está satisfeita, ela quer mais, produzir mais, criar mais, e ela consegue.

Ela não é apenas uma referência artística de uma mulher que reinventou a forma de representar o corpo feminino, o pensamento da pintura e a autoimagem, ela também é referência de força e persistência, e digo com todas as palavras, é uma das maiores artistas femininas que este país já viu, dentre todas que já existiram e ainda irão existir.

João Pedro Pedro
Curador

João Pedro Pedro (21) is a student (University Center of Fine Arts of São Paulo) and researcher of Contemporary Curatorship, having carried out curatorial assistance for curators such as Andrés Hernández, Nancy Betts, Ícaro Vidal, Katia Salvany, Sylvia Werneck, Theo Monteiro and, in his latest work, alongside Agnaldo Farias. He also has to his name the curators of *Tangible Constellations*, an exhibition held at the University Center of Fine Arts of São Paulo, and *The (Useless) Beauty of Wood*, at AtelierBB39. In 2025, he began studying and delving deeper into the work of Gretta Sarfaty, where he begins to act as assistant, and the result of this approach were his latest critical texts, "Os Contos em Uma Cidade (The Tales in A City)" and "Gretta Sarfaty - Artista Gênica (Gretta Sarfaty - Genius Artist)", which discuss the artist's production.

Gretta Sarfaty - Genius Artist

Gretta Sarfaty, highlight, and pioneer, of brazilian - and from my point of view worldwide - feminist 70's production, is what I chose to call "Genius Artist", besides her exemplar trajectory - not only artistically, but also, having been gallerist, collector e stepping a little into curatorship - she has artworks in the brazilian and world most significant collections, and believe it or not, her work is so differentiated that till nowadays is wanted by institutions, for example Bernardo Paz, founder of Inhotim Institute, in Belo Horizonte - who already has one of the most renowned collection in brazil, with relevant art pieces from even more relevant artists - that just bought for his estate the work of our dearest artist this text refers to.

I believe, or at least - so my ego won't be injured, and hoping that there's the slightest interest from you to my writing - I imagine, that you, dear readers of this wording written by a young curator on the beginning of his path, are wondering what makes Gretta's work so innovating and relevant, and I answer you, read the following paragraphs and I assure and guarantee that by the end of it - even if you don't share from my admiration - you will understand the relevance of such production.

During all her work the study subject of the artist was the female body, not as something to be contemplated - as it's done since the beginnings of Art History - but as

something to be studied, understood, freed. Series as *Enlace* that in clear words - not said or written, but showed - reflects the woman's body in this imprisonment, where she, wrapped in a long, heavy and thick object - a rope - deals with this burden, with knots on her limbs, that, maybe in a glance, or not, leaves the impression that she herself placed herself there, but - if we look in a more kinder way to this tangled being - we understand that maybe she was the one who put herself there, or she may not know how to get out, but this object that traps her is foreign, do not belongs with her, was placed on her.

Other series such as, *Evocative Recollections*, *Metamorphic Recollections* and *A Woman's Diary* have another approach, not less sensible - alias from my point, with an unmatched sensibility and care to the feminine figure - from the body. On the two first mentioned, respectively, there's a kind of agony and even melancholy in the way that the body is captured, in positions that confuses between pleasure and pain, and with an overwhelming intimacy. These figures, however, extremely vulnerable, are inside an enclosure, a veil - placed by the artist herself - that means, they're protected, and the scene, once overly expository, becomes something to investigate. In *A Woman's Diary* the body configuration changes again, this time we're front to front with sensuality, replicated, expanded, but above all, the true sensuality, not the one we find in provocative clothes, outstanding makeups or warming gestures, but the one we found in the body, its curves, folds and positions, here, Gretta Sarfaty gives us permission to, without perversion or exacerbated sexualization - which seems like even a joke, if we think the way that men always have seen the female body - observes the woman, and her natural sensuality.

Although, her most significant work - for uncount reasons I'll list on the next steps of the text - is, without any doubt, *Transformations*. But before getting to it, we need to rapidly pass through *Auto-Photos*. In this series, Gretta gets in touch with her self image - as if for the first time - and explores any and every possibility that her face can provide, using photography, in 1976. Going back to the big star of the text, the series *Transformations*, I see that when *Auto-Photos* came to an end and just conventional photography couldn't do the work of a genius, she had to innovate, not only herself, but art in general, and she did, by applying distortion on analogic ampliation process she could bring - to a face that was already played-out of possibilities - a new avalanche of scenarios, almost on fantasy field, and then, when we thought there's nothing else to innovate, she united painting - the most classic art technique, besides sculpture - to photography, and a brilliant mind, and with mastery on color and proportion - even better, distortion - she creates the painting series named *Transformations*, a genius work so absurd that I'll need another paragraph just for it.

Picture this, middle of the 70's, a time where any technology was distant for anyone, even for the "A-list" society of the time, where what existed was very rudimentary, a woman, artist, appears in Brazil making a painting that carries within it a completely current concept,

the selfie, and not only that, with a distorted image, as if a edit program, such as Photoshop, was used, but the thing is that Photoshop would only be created around 20 years later. That's right, the series doesn't have just an exceptional painting technique, or a singular - but really well made - choice of colors, or even for its deformed and phantasmagoric figures, but something that not even the artist was thinking at the time she made it, since the possibility of image manipulation - this way - was 20 year apart of human domain. And here, dear reader, is where I justify my categorization of Gretta Sarfaty as "Genius Artist", a woman that in 1976 was doing what computers would do years later.

At last, I cannot leave aside one of her most recent work, unpublished - if I may say - since at 77 years old the "Genius Artist" brain doesn't stop, *Transitions* bring one more time her face - and its fantastic expressions - as centerpiece, but this time with the reflections of the action of time on the artist, and demonstrate all her eccentric youth, creativity and, again, the fantasies in her head by intervening on the photos with painting. It's almost surprising what Gretta does in such a phase where many think they're satisfied or given up on trying, our genius is not satisfied, she wants more, to produce more, to create more, and she not only can, but she does.

She's not just an artistic reference of a woman who reinvented the representation of the female body, the painting thinking and self image, she also is a reference of persistence and strength, and with all the words, I say, she's one of the biggest female artists the country have ever seen, between all those who existed and will come to exist.

João Pedro Pedro
Curator